

Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_48/2015

Homilia na Abertura do Jubileu da Misericórdia

Braga, Sé Catedral, 13.Dez.2015, 11h30

Caríssimas irmãs e irmãos em Cristo,

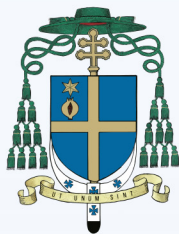
“O Senhor teu Deus está no meio de ti, como poderoso salvador. Por causa de ti, Ele enche-Se de júbilo”. Com a força destas palavras, tomadas da Primeira Leitura, saúdo-vos, irmãos, com especial afecto neste dia em que inauguramos oficialmente o Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

“O Senhor está próximo”, está no meio de nós e “nele tenho confiança e nada temo”, diz o Salmo Responsorial. A paz e a bondade de Deus tomam conta de nós e dão sentido à nossa vida. São a resposta às nossas dúvidas, anseios e expectativas. Este é verdadeiramente um Ano de Graça e de Perdão em que a Misericórdia de Deus se faz carne e vida junto de nós.

Um evento desta envergadura desafia, sem dúvida, a nossa inteligência e causa assombro ao nosso coração. Como é possível que Deus venha, sem mais, ao nosso encontro? E o que, perante isto, devemos fazer? Foi esta a pergunta que a multidão colocou a João Baptista no Evangelho: “que devemos fazer?”. Para que o povo se prepare para o encontro com o Vivente, e podemos hoje dizer para o encontro com Deus-Misericórdia, João não pede sacrifícios nem holocaustos, não pede pontificais ou jejuns prolongados. João Baptista pede acções humanas, pede confiança e a entrega incondicionada da nossa vida. É esta a resposta de João à multidão ali presente, mas é esta também a resposta à pergunta de todo o ser humano, de geração em geração, que, nalgum momento da sua vida, se questionou: “o que devo fazer?”.

João, antes de mais, aconselha-nos a que “quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e quem tiver mantimentos faça o mesmo”. Eis o que é necessário fazer para preparar a vinda do Senhor: partilhar o essencial, isto é, roupa, comida, casa, mas também ânimo, afecto e presença. São sinais claros de uma vida vinculada a Cristo, purificada por uma conversão – *metanoia* – demorada. É difícil não fazer, neste momento, um paralelo com as Obras de Misericórdia descritas em Mt 25. “Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo” (Mt 25, 35-36). Destas Obras reaprendemos a exigência de uma vida que tem em consideração a dimensão corporal e espiritual.

A Misericórdia de Deus e as Obras que espelham essa mesma misericórdia são a garantia indelével de que Deus está vivo e de que o Bem triunfará sobre o mal. A um coração puro e dócil nenhum mal corromperá. Podemos, é certo, cair ou até fazer o mal, mas um coração que pertence ao Senhor, mais tarde ou mais cedo, é iluminado e purificado pela sua Graça. É este o significado de *santificar*:



apartarmo-nos do que é destrutivo para mergulharmos na identidade de Deus, dando assim cumprimento ao projecto de Deus no qual o “Homem foi feito à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1, 26) e, por isso, “assim como eu fiz, fazei vós também” (Jo 13, 15).

A mensagem decisiva que João anuncia é a necessária conversão do dia-a-dia, das relações pessoais, que de indiferentes ou hostis devem passar a ternas, meigas e compreensíveis, e da nossa relação íntima com Deus. Pede-nos, em síntese, que vejamos o mundo com os olhos de Deus e o rosto de Cristo no rosto do irmão.

Hoje é o dia em que nós, como Igreja de Braga, também devemos questionar: “o que devo fazer?”. Para responder a essa pergunta, permiti-me recuperar a simbologia da Porta do Sol que abrimos há momentos. “Fulget Ecclesia non suo sed Christi lumine”, ou seja, a Igreja ilumina não com a sua luz mas com a Luz de Cristo, disse Santo Ambrósio numa homilia.

Cristo – segundo o prólogo de S. João – é “a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina” (Jo 1, 9). A Igreja é a lua que reflecte, para o mundo, a luz que lhe vem do sol. E iluminando os sítios mais obscuros da realidade humana, diz profeticamente “A noite adiantou-se e o dia está próximo” (Rm 13, 12). Cristo está próximo, mas tão próximo, que está no meio de nós e age por nosso intermédio.

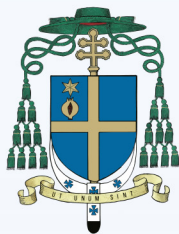
Como todos sabemos, o primeiro dia depois do sábado, o dia da ressurreição do Senhor, segundo o calendário pagão era o “dia do Sol”. Desde o tempo dos primeiros cristãos que isto foi entendido como uma coincidência providencial. Sem grandes obstáculos, o *dies Solis* foi aceite como o dia do Senhor, o dia em que nasceu o “Sol da Justiça”. Falamos, portanto, da cristianização de uma festa pagã. Ao atravessarmos a porta do Sol queremos precisamente dizer que, neste Ano da Misericórdia, desejamos ardentemente atravessar o corpo de Cristo e, comungando “o sangue e água” do seu lado aberto (cf. Jo 19, 34), sermos salvos pela Sua bondade e comprometermo-nos no anúncio, por palavras e obras, deste amor filial e amigo.

O que fazer, então, como Igreja de Braga neste Ano da Misericórdia? A resposta faz-se agora clara. Compete-nos assumir em plenitude a nossa identidade de *lua*, aquela como diz Hipólito Romano que “não possui luz própria mas a recebe do sol”. A Igreja de Braga deverá reflectir, em todas as suas opções e gestos, a luz misericordiosa de Cristo.

Caros irmãos e irmãs, o Santo Padre surpreendeu-nos com a Bula *Misericordiae Vultus* – O rosto da misericórdia – convocando um Ano Santo Extraordinário. Na história tivemos 26 jubileus ordinários e dois extraordinários, em 1933 e 1983 (recordando o mistério da Redenção). Este é, por conseguinte, um jubileu temático, não cronológico.

Querendo tornar vivo o Concílio Vaticano II – o Ano da Misericórdia foi proclamado para celebrar os 50 anos do seu encerramento – peço que o programa de vida dos cristãos e das comunidades reproduza o Rosto Visível da misericórdia.

A palavra *misericórdia* resulta das palavras latinas *miseris* e *cor* que, juntas, significam “dar o



coração àqueles que são vítimas da miséria”. No mundo da psicologia falar-se-ia de “empatia”. Mas misericórdia é mais do que empatia. Disse o Papa João Paulo II na encíclica *Dives in misericordia* que a misericórdia autenticamente cristã é “a fonte mais profunda da justiça”, “a mais perfeita encarnação da igualdade”... a misericórdia é ternura, compaixão, sensibilidade de coração, luta permanente pela justiça e igualdade. A misericórdia é ainda o acto de resgate da vida, tal como Cristo que desceu aos infernos para nos puxar, com a Sua mão, para a Vida. Importa resgatar vidas marcadas por feridas e dramas a que a sociedade não presta atenção.

Creio que estes são elementos fortes e que nos permitirão olhar para o Ano da Misericórdia com critérios renovados. Peço que não entendam mal, mas este Jubileu não pode ser reduzido à prática de algumas devoções ou ao cumprimento ritualista de sacramentos, visitas a igrejas, peregrinações, ou à mera preocupação pelas indulgências. Tudo isso é necessário, válido e desejável. Mas deverá ser feito com a nossa “carne”, isto é, com todo o nosso ser aí presente. Se queremos, de verdade, experimentar a misericórdia de Deus temos de vencer a formalidade dos actos e dar-lhes vida naquilo que encerram.

Por fim, e recuperando o Evangelho deste dia, a Igreja de Braga terá de fazer gestos concretos que expressem a Misericórdia. Aos sacerdotes, peço que dediquem tempo à escuta dos fiéis, ao acompanhamento espiritual e ao sacramento da reconciliação; que visitem os doentes, que se aproximem dos jovens, mas que, ao mesmo tempo, tenham misericórdia de si mesmos, ou seja, que se permitam “repousar” no Senhor: intensifiquem a oração, façam o retiro e descansem.

Aos fiéis, movimentos e comunidades religiosas da Arquidiocese, peço-vos que sejais embaixadores da misericórdia de Deus junto das pessoas que vos são mais próximas. Temos de derrubar o muro do anonimato, da inimizade e da vergonha. Muitas pessoas anseiam por uma mão e uma palavra que as salve da sua angústia.

O relacionamento entre as pessoas é muito frio, seco, mal humorado, interesseiro, hipócrita, falso, oportunista. Coloquemos aí a ternura da misericórdia e o carinho muito concreto da caridade. Fixando os olhos no Sol que é Cristo, projectemos o Seu modo de viver nos outros para que todos possam dizer: eu vi o rosto de Cristo.

O amor de Deus passa pelo dom da vida. Por isso, hoje, como já é habitual na nossa Catedral, procederemos à bênção das grávidas. Infelizmente são poucas. Rezemos para que os casais vivam a responsabilidade alegre de serem pais. O rosto de uma criança é o melhor retrato do amor de Deus.

Que Santa Maria de Braga, mãe da Misericórdia, nos aconselhe e nos sugira o que devemos fazer. Ouçamo-la e sejamos audazes no testemunho da misericórdia. O mundo moderno, reconhecendo na Igreja a Luz de Cristo, colherá testemunhos verdadeiros e abandonará tensões, conflitos, crispações, trabalhando pelo bem de um humanismo integral que salvará o País.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*